

## O otimismo e a denúncia: as duas faces das construções poéticas das autoras renascentistas Louïze Labé e Pernette du Guillet

Luiane Soares Motta<sup>105</sup>

### Resumo

A presente pesquisa buscou analisar as poesias de duas autoras lionesas renascentistas, Louïze Labé e Pernette du Guillet, para entender o que nelas apresenta-se sobre a sociedade em questão a partir de uma perspectiva feminina. Tais agentes, em suas construções, não só são capazes de, por suas funções intelectuais, demonstrarem o desejo da dissolução dos limites gerais que atribuem o feminino ao privado e o masculino ao público, como, por suas próprias falas –intratextualmente-, testemunharem as regulações, transições e interdições que sofrem e mesclam-se em tal sociedade.

Palavras-chave: Literatura; Mulheres; Renascimento; Lyon.

Escrever a história sempre esteve atrelado ao exercício do poder. Entretanto, a nova historiografia tem-se aberto a outras versões sobre seu objeto de estudo que permitem o adentramento de fontes e aparições de agentes antes invisíveis à academia<sup>106</sup>. Dessa forma, a presente pesquisa buscou analisar o patrimônio narrativo legado pela pronúncia feminina durante o renascimento francês, mais especificamente lionês.

O período renascentista é marcadamente conhecido pela difusão artística que inicia-se na Itália e, no século XVI, toma amplitude na França. Entretanto, a relação intelectual entre os indivíduos e a produção da mercadoria, que deixa-nos rastros de seus agentes, se deu de forma desigual. Alguns silêncios não querem dizer, contudo, que não existiram tais falas, apenas que a falta de uniformidade nas condições socioeconômicas em que os vestígios culturais-impresos são desenvolvidos dificultou o embrenhamento para conhecermos a forma de ver e de se expressar de muitos agentes ou, pelo menos, de seus representantes.

Porém, a escassa produção de grupos marginais ao poder, ou dos grupos e etnias que o exercem – sempre lembrando que falar no poder, embora abreviemos as suas relações, é falar de uma pluralidade de formas para exercê-lo – talvez não nos permita aplicações de um método quantitativo para entendê-la, contudo, nem por isso devemos indispô-las para análise.

É o caso do que propomo-nos aqui trazer. As falas das escritoras que trabalharemos além de marginais, escassas, também situam-se nas fronteiras do “testemunho”, da “ficção” e da “história”. São os versos e canções das poetisas Louïze Labé e Pernette du Guillet que nos apresentam não a verdade sobre o passado, mas um universo próprio, conduzido pela vontade de ser, mais do que pela vontade de manusear o “real”, e que, mesmo assim, moldam-se em concomitância com os significados e lugares designados ou apontados pela sociedade em que vivem tais autoras. Por isso, antes de apresentar tais interpretações, apresentá-las-emos.

---

<sup>105</sup> Graduada e mestranda em História, vinculada a Universidade Federal de Pelotas, [lulusmotta@gmail.com](mailto:lulusmotta@gmail.com).

<sup>106</sup> A figura da mulher, ou das mulheres, é uma aparição mais ou menos recente - em torno de quatro ou cinco décadas. Na verdade, enquanto pesquisa de historiadores, se difunde no Brasil na década de 1990, entretanto de outras áreas temos trabalhos históricos que exploram muito bem tais discussões, como por exemplo, os da filósofa Simone de Beauvoir e da escritora Betty Friedan, desde muito antes.

Primeiramente, Louïze Labé<sup>107</sup>. Essa poetisa provinha da classe burguesa, filha e esposa de cordoeiro, o que gerou-lhe a alcunha *Belle Cordière*. Publicou, em 1555, uma compilação de diversos estilos de textos, chamando-a, simplesmente, *Euvres*, e é onde constam os sonetos e elegias que, por ora, são os documentos que selecionamos para analisar.

Já a autora Pernette du Guillet pertenceu à nobreza da cidade lionesa. Viveu até os vinte e cinco anos, vitimada, então, por uma epidemia. Sua obra foi denominada *Rymes* e possui poemas, canções e elegias. Foram prefaciados, seus escritos, por Antoine du Moulin e indicou-se, na edição de 1545, ter sido uma publicação póstuma.

Apesar da localização econômica diferente, parece, no entanto, que isso não afetou as relações sociais pessoais que ambas tiveram, pelo menos não de forma tão rígida, quanto a seus respectivos percursos. Pois, embora não nos seja possível afirmar que ambas conheceram-se, notamos algumas conexões comuns entre elas, para além da afinidade do exercício que escolheram, possuindo, pois, contemporâneos que frequentavam os seus círculos de amizades<sup>108</sup>.

Entretanto, as relações econômicas, se demonstram que não são possíveis de, através delas, circunscrever a relação das mulheres com a escrita (e, por isso, talvez possamos pensá-las mais como representantes de outras agentes que não chegaram até nós dos mais variados estratos, do que como casos isolados), parece que não cabe, igualmente, estender tal aparição de maneira ampla, já que o contexto para além de Lyon – cidade dinâmica e desenvolvida industrialmente - não era tão permissivo<sup>109</sup>.

Porém, de volta a essa atmosfera lionesa, rica, à qual se direcionou muito da produção material de livros (devido aos seus comerciantes e ao empreendedorismo manufatureiro) estimulou, ao mesmo tempo, seus habitantes a iniciarem-se nas letras<sup>110</sup>. Isso deve-se ao fato

---

<sup>107</sup> A produção de tal autora tem sido a fonte central para nossa pesquisa de mestrado, mas, na tentativa de perceber os diálogos feitos em seus textos, temos estendido-a a outros aspectos e autores.

<sup>108</sup> Autores como Maurice Sceve e Oliver Magny conheciam-se, bem como, a cada uma das autoras, por isso podemos perguntarmo-nos sobre o diálogo entre elas.

<sup>109</sup> Segundo Danielle Régnier-Bohler a palavra das mulheres, principalmente nos discursos institucionais da Idade Média, é impertinente e aterradora: “[...] Porque o medo que a palavra das mulheres suscita junta-se ao medo da sua carne e do seu desejo. Transgressora pela palavra, como pretende a injunção masculina, a mulher não escapa à sua sorte: a culpada é fabricada pela palavra receosa dos homens”. Dessa forma, além de coibirem a palavra das mulheres, também recriam, conforme suas narrativas desejarem, as imagens femininas. Tal percepção nos motiva, por isso, a trazer a narrativa do “outro” falando sobre si mesmo, para conseguir filtrar algo das valorizações impostas por uma ordem dominante masculina.

<sup>110</sup> O editor Jean de Tournes, impressor de Labé, é um dos expoentes dessa indústria livreira, e não hesita em publicar obras que apresentem alguma relevância para a elite culta lionesa. O crítico literário François Rigolot nos traz alguns desses itens que ajudam a pensar inclusive o que é comercializável para tais investimentos: “[...] parvenu à l'apogée de son habileté, déploie une grande activité et publie les plus *élégants ouvrages*: qu'on en juge par la mise en page des *Emblèmes* d'Alciat; de *L'Amour des Amours*, de *l'Art poétique* et du *Dialogue de l'ortographe* de Jacques Peletier du Mans (...). Des *ouvrages d'auteurs féminins* de l'*aristocratie* sortaient des mêmes presses: les *Rymes* de la Lyonnaise Pernette du Guillet, en 1545; les *Marguerites de la Marguerite des princesses* de la reine de Navarre, soeur du roi, en 1547; enfin, les *Euvres de Lovize Labé Lionnoize* (Cartier II, p. 381). L'atelier tournésien publiait aussi des écrits “féministes” d'auteurs masculins, comme les vers encomiastiques sur les “nouvelles” déesses *Junon*, *Pallas* et *Vénus* de François Haberten en 1545 et 1547”. [grifos meus em itálico] Ver: RIGOLOTT, François. *Poésie et Renaissance*. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 120. (T.A.: atingido o auge de sua habilidade, implanta uma elevada atividade e publica as mais elegantes obras: julgando pelo conjunto de traços em *Emblèmes* d'Alciat; de *L'Amour des Amours*, de *l'Art poétique* et du *Dialogue de l'ortographe* de Jacques Peletier du Mans [...]. De obras de autoras femininas da aristocracia que escolheram as mesmas prensas: as *Rymes* da lionesa Pernette du Guillet, em 1545; as *Marguerites de la Marguerite des princesses* da rainha de Navarre, irmã do rei, em 1547; enfim, as *Euvres de Lovize Labé Lionnoize* (Cartier II, p. 381). A oficina “tournesiana” também

de que os lucros decorrentes do comércio passaram a ser reutilizados e ampliaram o ciclo da moeda, sendo empregados na impressão. Lyon, inserida nesse contexto, atraindo investimentos e tornando-se um polo para a comercialização e produção, só faz com que se afirme a imagem de uma cidade dinâmica. Prova disso é que calcula-se que há, no século XVI, um número de 158 impressores ou tipógrafos nessa cidade, cuja população variava de 35 a 50 mil habitantes<sup>111</sup>. Se formos levar em conta que o registro dessas atividades nem sempre foi realizado, e que há outras funções não contabilizadas nessa contagem, temos uma ideia sobre um número significativo dos que se entregam à atividade livreira de Lyon, em um século, e mais ainda, em um país, pouco manufatureiro. O que nos faz igualmente constatar que o mercado é bastante profícuo e que movimenta todo um ciclo de fabricantes desde o aspecto extrínseco a tal mercadoria, quanto intrínsecos, seu conteúdo – ou seja, os que escrevem-na. E esse dinamismo é acrescido pela feição cosmopolita, afirmada, por exemplo, pela produção local de inúmeros dicionários bilíngues<sup>112</sup> com idiomas para além da Europa Ocidental.

O fluxo cultural pode mesmo ser percebido em um aspecto concreto da própria obra de Louíze Labé. Nela encontramos poemas escritos em italiano e, mesmo que na parte destinada à homenagens feitas a ela, em grego. A partir de tal circunstância, o decorrente rodízio de transeuntes e os novos habitantes naquela cidade, deve ter sido um outro fator relevante na diferença de valores atribuídos a função da mulher e a atividade de escritora, para além da classificação econômica. Os agentes inseridos nessa atividade, bem esparsos em um mundo europeu católico<sup>113</sup>, todavia, em Lyon, pareceram existir de forma mais recorrente, transformando o destino cultural inescapável, em caminho desviável. Mas, além das condições socioeconômicas das agentes envolvidas, o que elas podem dizer-nos sobre suas próprias presenças e nos mostrar sobre os lugares do feminino?

### A relação “da Outra” com o Mesmo<sup>114</sup>: as mulheres e as relações pessoais através do amor

Como já mencionamos anteriormente, o mundo contado pelas autoras acontece sob um formato poético. Nas incursões trataram, inevitavelmente, de experiências afetivas no quadro principal de suas obras. Contudo, esses mesmos vestígios sobre experiências, bem caracteristicamente subjetivas, produzem-se a partir de interações com o meio social. Por isso nossa tentativa de compreendê-las se empenhará em infiltrar-se nesse outro contexto, escafandrando o silêncio, percorrendo os jogos discursivos e interpretando os não-ditos, a partir da especificidade do corpus documental que visa entender a si no/para o outro. Pensados dessa maneira, é através dessas exposições sobre o que comove, o que fere, que se percebem os modos de agir num mundo em que o institucional/oficial é produzido por feições

publicou escritos "feministas" de autores masculinos, tais como versos muito elogiado sobre as "novas" deusas *Junon, Pallas e Vênus* de François Haberten em 1545 e 1547).

<sup>111</sup> O nosso cálculo foi realizado a partir de uma pequena biografia dos habitantes de Lyon, publicada em 1839, por M. Breghot du Lut e Pericaud. Biografia, esta, diga-se de passagem, que faz um apanhado geral dos documentos desde o século II ao XIX. Ver: BREGHOT DE LUT & PERICAUD. *Biographie lyonnaise catalogue des lyonnais dignes de mémoire*. Lyon, 1839.

<sup>112</sup> RIGOLOTT, François. *Poésie et Renaissance*. Paris: Éditions du Seuil, 2002. p. 74

<sup>113</sup> Embora devamos estar conscientes que, de maneira geral, o número esparsos que nos apresentam, hoje, os arquivos, é consequência de inúmeros filtros temporais e sociais pelos quais passaram em seu processo de preservação.

<sup>114</sup> O "homem nunca está só e não seria o que é sem sua dimensão social". No entanto, geralmente, houve processos históricos de obliteração do outro (em relação ao Eu, a nação, ao mesmo – homem, beligerante). No caso das mulheres, a estranheza opera dentro da própria sociedade obliterante. Ser o “Outro” interior torna o processo diferente, mas não deixa de passar pela sistematização que censura-o, interdita-o, coisifica-o. Ver: TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: A questão do Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.p.360.

masculinas, mas que, devido às ações de mãos femininas, é invadido e apresentado pelo Outro.

Dentro do quadro das fontes (que elencamos primeiro porque interessa-nos o “grupo” de agentes que as produzem, segundo porque diz-nos sobre uma sociedade e as configurações de gênero), conseguimos conjecturar algumas relações sociais mais facilmente como as alianças com os amantes, mas também do ponto de vista da relação delas com o seu corpo e deste com os dos objetos de seu amor, dentro dos limites imputados para isso. Pernette du Guillet inicia-nos em tal objetivo:

Là, quand j'aurais bien au long vu son cours,  
 Je le laisserais faire à part ses discours :  
 Puis, peu à peu de lui m'écarterais  
 Et toute nue en l'eau me jetterais :  
 Mais je voudrais, lors, quant et quant avoir  
 Mon petit Luth accordé au devoir,  
 Duquel ayant connu, et pris le son,  
 Il entonnerais sur lui une chanson  
 Pour un peu voir quels gestes il tiendrait :  
 Mais si vers moi il s'en venait tout droit,  
 Je le laisserais hardiment approcher :  
 Et s'il voulait, tant soit peu, me toucher,  
 Lui jetterais - pour le moins - ma main pleine  
 De la pure eau de la claire fontaine,  
 Lui jetant droit aux yeux, ou à la face<sup>115</sup>.

Nesta estrofe transparece toda sensualidade do poema, ao mesmo tempo, que esclarece a relação física - emocional da autora. Transfigurado em *luth* e musicalidade, o amante brota com sua sexualidade. No entanto, o jogo sexual não se produz de forma receptiva. A autora nega-o, limita-o, podendo demonstrar, com isso, a interdição. Possivelmente esta é evocada pela própria função da poesia, que é ser recitada em público, e assim a censura estaria a postos<sup>116</sup>. Mantém-se, portanto, a distanciar-se de tal relação sensual. Não deixa, porém, de fazer da negação uma forma de dizê-lo, de contá-lo, mesmo que esteja atravessado pelo disciplinamento de seu corpo, devido àquele plano social que está a demarcar. Afinal, como defenderá, outrora, não seria, se ocorresse o contrário, condizente à sua honra e a sua conquistada ou almejada autonomia. E, assim, se afirma a punição, de forma similar, reafirma a ousadia, onde sua negativa vem acompanhada de uma reação física descritivamente agressiva, que demonstra apenas a contrariedade a tal excesso (*lui jetant droit aux yeux, ou à la face*). Ou seja, está presente tanto a força, quanto o interdito da fala, do querer, do desejar, demonstrando, talvez, o lugar ambíguo que habita. O que se apresenta, também, na imposição feita a seguir:

<sup>115</sup> Pernette du Guillet. *Rymes*. Lyon, 1545. Elegie II. p. 35. (T.A.: Lá, quando eu vi ao longo de seu curso , /Eu o deixei em seus discursos :/ Depois, pouco a pouco, dele me afastei;/ E toda nua na água mergulhei;/ Mas eu queria , após, quando e como eu desejasse /Meu alaúde afinado em seu dever, /Pelo qual conheci, e aceito o seu, / Ele entoa sobre si uma canção / Para um pouco ver quais gestos faria; / Mas se a mim ele estivesse vindo firmemente / Eu o deixaria audaciosamente se aproximar:/ E se ele quisesse, nem que seja um pouco, me tocar, /Jogá-lo-ia pelo menos a minha mão inteira / De pura água da clara fonte / Jogando-lhe direto nos olhos ou no rosto.)

<sup>116</sup> Ver: FERRARESI, Alicia. *De amor y poesia* en la Espana medieval. Colegio de Mexico: Mexico, 1976.

Combien de fois ai-je en moi souhaité  
Me rencontrer sur la chaleur d'été  
Tout au plus près de la claire fontaine,  
Où mon désir avec cil se promène  
Qui exerce en sa philosophie  
Son gent esprit, duquel tant je me fie  
Que ne craindrais, sans aucune maignie,  
De me trouver seule en sa compagnie :  
Que dis-je : seule ? plutôt bien accompagnée  
D'honnêteté, que Vertu a gagnée  
A Apollo, Muses, et Nymphes maintes,  
Ne s'adonnant qu'à toutes oeuvres saintes.<sup>117</sup>

Conforme o parágrafo, enuncia-se o seu desejo do outro, para aprendizado, para sua alegria, apresentando mais enfaticamente a sua autonomia no ato de ser, de querer. Isto provém por mérito de sua própria honra, honestidade e escolha, embora, devido à evocação destas como justificativas, possamos perguntarmo-nos os limites impostos a essa independência, tão festejada por Du Guillet. Porém, quando, nesse mesmo trecho, pergunta-se: “Que dis-je : seule ? plutôt bien accompagnée d'honnêteté, que Vertu a gagnée”, demonstra a equivalência que parece-nos a sua ambição. Estar só, com um homem e manter sua honra intacta, significa mais do que ter permissão, medir forças para reivindicar seu lugar como igual, para além da hierarquizante sociabilidade regulada. Evidenciando que se nessa ordem há imposições, o âmbito cultural forma resistências que, com seu trânsito, mesmo tímido, ajuda a afrouxar os limites<sup>118</sup>.

É também em Pernette que a vemos enumerar uma outra ordem, alterando o homem-amante para um plano secundário de servo, subalterno e submetido:

Ô qu'alors eût l'onde telle efficace  
De le pouvoir en Actéon muer,  
Non toutefois pour le faire tuer,  
Et dévorer à ses chiens, comme Cerf :  
Mais que de moi se sentît être serf,  
Et serviteur transformé tellement  
Qu'ainsi crût en son entendement,  
Tant que Diane en eût sur moi envie,  
De lui avoir sa puissance ravie.

---

<sup>117</sup> Pernette du Guillet. *Rymes*. Lyon, 1545. Elegie II p.34 (T.A.: Quantas vezes eu estive desejando, para mim mesma, / Encontrar-me sob o calor do verão / Mais perto da fonte clara, / Onde o meu desejo com aquele se encaminha, / A quem exerce em sua filosofia / Sua sábia mente, ao qual eu tanto confio / Que nem receio qualquer dor / Nem de me encontrar sozinha com sua companhia : / Digo : só? Muito bem acompanhada / Em honestidade, que como *virtude* ganhei / De Apolo, Musas, e muitas ninfas, / Que não se adornaram tantas obras santas.)

<sup>118</sup> A presença da palavra *vertu* denota-nos um contraditório, embora devamos relativizar o alcance dessa relação protetora de sua própria honra que autorreferenciada às próprias características, a apropriação de tal palavra por uma escritora, deve tornar mais amplo o sentido que muitas vezes é atribuído a seu significado – o que muitas vezes propaga seu mito - : se na Antiguidade pode não haver dúvidas que ela provenha de uma construção patriarcal que sobrepõe o falo-virtuoso, ao sexo feminino e passivo, as apropriações desde essa época perpassaram diversos fenômenos para crermos que seu sentido antigo permaneça intacto no renascimento, portanto.

Combien heureuse, et grande me dirais !  
Certes Déesse être me croirais.  
Mais, pour me voir contente à mon désir,  
Voudrais-je bien faire un tel déplaisir  
À Apollo, et aussi à ses Muses[...]?<sup>119</sup>[grifos meus]

Tornar-se-ia a autora uma deusa, contraposta a Actéon, que, no mito clássico, por ter difamado Ártemis, foi rebaixado da condição de homem, transformando-se em Cervo. Tal inversão se propaga no texto pela vontade de dominar o outro, e não como mero recurso humorístico (ou irônico). É também nesse trecho que se percebe a inversão como fenômeno conflituoso, visto que o desejo de o Outro se sobrepor ao “Mesmo” - fazendo, este, submisso - faria brotar a ira de Apollo, no desvio da ordem da relação, na qual ela – a poetisa - guiaria ao “desgoverno”.

Tal interpretação sobre seu texto – de localizarmos nele uma proposta de transgressão à ordem - parece se fortalecer dado que o amor idealizado e a submissão, aparecem em diversas passagens, sendo esta fruto do amor, enfatizando-os como tal proveniência. Ambas as escritoras tratam, assim, da ideia de amor como escravizante, não o homem, que destaca-se apenas por ser o objeto de desejo. Vejamos:

Aucuns ont dit la Théorique  
Étre devant que la Pratique :  
Ce que bien nier on pouvait.

Car qui fit l'art, jà la savait,  
Qui est un point qu'un Sophistique  
Concéderait tout en dormant :

Quant à moi je dis, pour réplique,  
Qu'Amour fut premier, que l'Amant<sup>120</sup>.

Tal separação parece fazer notar uma idiosincrasia que defende uma outra hierarquização, avessa à patriarcal. Segundo o que podemos notar, a literatura da época se habilita a falar do amor, não apenas por um ideal romanceado, purificado, mas porquê ele indica um saber sobre a relação do indivíduo com o mundo<sup>121</sup>. O saber científico, a se articular e difundir seu discurso como verdade, tenta entender o humano (sua psicologia, sua função no meio, seu lugar), e é através disso que a autora fundamenta a interpretação sobre a elevação de uma ou outra figura em sua vida.

---

<sup>119</sup> Pernette du Guillet. *Rymes*. Lyon, 1545. Elegie II p.35 (T.A.: Oh que em seguida tido a onda tal eficácia / de o poder de Actéon tornar / Sem, contudo, fazê-lo morrer / E ser devorado pelos cães, como Cervo. / Mas que a mim se sentindo servo, / E servidor transformado de tal forma / Que assim acreditasse em seu entendimento, / Tanto que Diane teria inveja de mim, / Por ele ter sua poderosa felicidade. / Quão feliz e elevada me diria! / Certamente deusa me creia. / Mas por me ver contente com meu desejo, / Gostaria, eu, de fazer um tal aborrecimento / A Apollo, e também a suas musas [...]).

<sup>120</sup> Pernette du Guillet. *Rymes*. Lyon, 1545. Elegie II p.41 (T.A.: Alguns disseram a Teoria/ está antes da prática:/ Isso bem negar poderiam. / Quem fez a arte, já o sabia/ Que é um ponto que um Sofista / Refletiria até adormecer./ Quanto a mim eu digo para responder/ Que o amor foi primeiro que o amante.)

<sup>121</sup> As discussões em voga de sua época inferem, a partir dele, sobre os limites da razão, da vontade e o sentimento humano. Rivair Macedo ainda diz-nos, em um de seus trabalhos sobre Idade Média, que há probabilidade de o amor possuir conotação ao mesmo tempo afetiva e jurídica “revelando tanto os sentimentos recíprocos quanto os compromissos partilhados”. Ver: MACEDO, José R. A luva e o bastão: considerações a propósito da ideia de traição na Chanson de Roland. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 25, p. 89-110, 1999.

Uma relação semelhante é entoada por Labé: Il n'y ha rien qui plus se fache d'estre contreint, qu'une femme: & qui plus se contreingne, ou elle ha envie montrer son afeccion<sup>122</sup>. Em tal contrato, não vemos apenas a relação amorosa exposta, não é um pobre sentimentalismo, mas um empoderamento de si. Não está, a narradora, a se subjugar à força, à vontade do amante, mas a si mesma e a esse amor que ela mesma inventou. Tal postura, parece-nos ainda mais clara em Labé, a seguir:

Quelle grandeur rend l'homme venerable?

Quelle grosseur? quel poil? quelle couleur?

Qui est des yeus le plus emmieleur?

Qui fait plus tot une playe incurable?

Quel chant est plus à l'homme convenable?

Qui plus penetre en chantant sa douleur?

Qui un dous lut fait encore meilleur?

Quel naturel est le plus amiable?

Je ne voudrois le dire assurément,

Ayant Amour forcé mon jugement:

Mais je say bien & de tant je m'assure,

Que tout le beau que lon pourroit choisir,

Et que tout l'art qui ayde la Nature,

Ne me sauroient acroitre mon desir<sup>123</sup>.

Em tal citação, Labé confessa seu amor a um belo, um belo que nem a natureza conseguiria fazê-la desejar mais. Mas, ao se subjugar ao *amor* do amante, é ela que torna-o venerável – e não um ser virtuoso, que é, por isso, amável. Não é pela natureza tê-lo feito mais belo ou mais alto ou mais hábil, mas, sim, o fato de ela o ter escolhido para amar. Seriam, dessa forma, as mulheres que ao entregarem-se a seus amores, torná-los-iam dignos de honra

---

<sup>122</sup> Louïze Labé. *Euvres*. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. p.89. (T.A.: Não há nada quem mais se irrite em estar submetida que uma mulher, e quem mais se submeta quando deseje demonstrar sua afeição.)

<sup>123</sup> Louïze Labé. *Euvres*. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. Soneto XXI. P.122 (T.A.: Qual grandeza faz o homem venerável? / Qual tamanho? Que cabelo? Que cor? / Quem tem o olhar mais encantador? / Quem faz depressa uma chaga incurável? / Qual canto é mais ao homem favorável? / Quem mais penetra cantando sua dor? / Quem um doce alaúde faz tocar ainda melhor? / Qual homem é mais amigável? / Eu não queria dizê-lo absolutamente, / Já que o Amor constringe meu julgamento; / Mas eu sei bem e de tal certeza, / Que todo o belo que eu posso ter *escolhido* / Que a arte inteira apoiada na Natureza, / Não *fariam crescer* meu desejo).

e adoração. Ter-se-ia, aqui, apresentado a inversão das relações, como declaração do poder ambicionado por essas mulheres? Ou seria, algo como uma revisão do poder feminino, aos moldes de Christine de Pisán, na qual revelar-se-ia a esfera que cabe a mulher comandar? Parece-nos que, nesse momento, reforça a interpretação de que tal ato designa a resistência aos valores imputados. O amor e a figura da amada e amante, pegam-se debatendo sobre a declaração de si como um agente, contrário ao que a ele se delegava pelo discurso dominante da época<sup>124</sup>. Mas esse Outro pronunciando-se sobre ele mesmo, revela-nos o quê do lugar que ocupa enquanto feminino?

### O encontro das palavras com o feminino: o seu lugar

Ao percebermos essa literatura encrustada de significados mais representativos sobre suas produtoras, podemos supor que o lugar que reclamavam já estava, por isso mesmo, modificado, visto a posição deliberadamente assumida enquanto escritoras. Entretanto, as palavras que vestem o traje do feminino e, dessa forma, personificam em alguma coisa “A mulher”, parecem que assumem a prerrogativa de situá-lo no baixo, servindo menos a uma reinauguração de sentido que a uma manutenção das posições relativas<sup>125</sup> - inferior, o desnecessário, o tedioso<sup>126</sup>. O que não quer dizer que mesclar significantes as figuras de gênero, não gere alterações nas relações sociais e o trânsito que delas advirem, porém, escapa à racionalidade de tais construções, uma percepção de que estar no feminino é estar genericamente no depreciado. Analisemos a seguinte relação:

Dames, qui les lirez,  
De mes regrets avec moy soupirez.  
Possible, un jour je feray le semblable,  
Et ayderay votre voix *pitoyable*  
A vos travaux & peines raconter,  
Au tems perdu vainement lamenter<sup>127</sup>. [grifos meus]

Ao mesmo tempo, que na estrofe Louize se protagoniza, ela coloca suas contemporâneas no lugar novamente no umbrático. Frente às ações femininas, clama solidariedade, mas uma solidariedade interessada, promovida na negociação com aquelas que não são capazes de recontar suas experiências. Ao se distanciar de si mesma, a autora relata-nos um prognóstico do feminino, cuja a espera, a piedade, o lamento, parece-o, desmerece-o. Vejamos um trecho da rima de du Guillet:

<sup>124</sup> Para tanto, ver: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamentos, 1998; DAVIS, Natalie Z. & FARGE, Arlette. *História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna*. Trad. Alda M. Durães, Egito Gonçalves, João Barrote, José S. Ribeiro, Maria C. Torres, Maria C. Moreira. Vol. 3. Edições Afrontamento: Porto, 1991; DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens*. Do amor e outros ensaios. SP: Companhia das Letras, 1989, etc.

<sup>125</sup> Segundo o sociólogo Bourdieu: “As mudanças de condições ocultam, de fato, a permanência nas posições relativas”. BOURDIEU, Pierre. *La Dominación Masculina*. RJ: Bertrand, 2002 Disponível na internet via: <http://www.4shared.com>.

<sup>126</sup> Enquanto palavras que portam significados *genderificantes* e, por isso, nas designações culturais, mais profundas, dispõem as mesmas categorias às mulheres que estão colocadas nessa “polarização” – enquanto disposição, obviamente – colocadas. SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil Para a Análise Histórica. *Educação & Realidade*, v.15, n.2, jul/dez, 1990. p. 1-35. P.20

<sup>127</sup> Louïze Labé. *Euvres*. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. p.101. (T.A.: Damas, que os lerdas, / de meus arrependimentos comigo suspireis./ Possível, um dia eu farei algo aceitável, / e ajudarei vossa voz queixosa / a vosso trabalho e dor recontar,/ ao tempo perdido em vão lamentar).

À qui plus est un Amant obligé :  
Ou à Amour, ou vraiment à sa Dame ?  
[...]À lui il doit le coeur, à elle l'Âme,  
Qui est autant comme à tous deux la vie ;  
L'un à l'honneur, l'autre à bien le convie ,  
Et toutefois voici un très-grand point,  
Lequel me rend ma pensée assouvie :  
C'est que sans Dame Amour ne serait point <sup>128</sup>.

Conforme o trecho, a autora coloca a figura da Dama como âncora para o que irá discorrer: o amante e suas obrigações. O amor recebe a conotação masculina de honra, e a mulher, a relação feminina com a boa convivência. Trata-se de demonstrar as relações as quais cada uma das figuras (feminina – *Dame*-, masculina – un *Amant*) se submetem e as disposições de cada um. Mas esse brinde ao final à figura Dama seria uma referência para o lugar “complementar” da mulher nos jogos de amor, coisificando-a, ou é, que é ela vital atividade para essa relação? O fim, contudo, provoca o leitor dizendo que apesar dos diferentes, opostos, há equivalências, sendo que o certo é que, para du Guillet, a mulher é a parte indissociável do amor.

A figura controversa aparece também em Labé, ao imputar a ideia de uma característica imoral, quando realiza a leitura da mulher no espaço da guerra:

Semiramis, Royne tant renommee,  
Qui mit en route avecques son armee  
Les noirs squadrons des Ethiopiens,  
Et en montrant louable exemple aus siens  
Faisoit couler de son furieus branc  
Des ennemis les plus braves le sang,  
Ayant encor envie de conquerre  
Tous ses voisins, ou leur mener la guerre,  
Trouva Amour, qui si fort la pressa,  
Qu'armes & loix veincue elle laissa.  
Ne meritoit sa Royalle grandeur  
Au moins avoir un moins fascheus malheur  
Qu'aymer son fils [...] <sup>129</sup>

---

<sup>128</sup> Pernette du Guillet. *Rymes*. Lyon, 1545. (Rymes XXIV) (T.A.: A quem é mais necessário o amante / Ao amor, ou verdadeiramente a sua Dama? / [...] A aquele deve o coração, a aquela a alma, / O que é tanto quanto para ambos a vida; / A um a honra, o outro a boa convivência; / Porém aqui há um grande ponto / Que deixa o meu pensamento saciado: / É que sem Dama, o amor não seria nada.

<sup>129</sup> Labé. *Euvres*. Par Jean de Tournes, Lyon, 1555. p.102. (T.A.: Semíramis, rainha tão renomada / A qual colocou em caminho sua armada / os negros esquadrões de etípianos / e mostrando elogiável exemplo aos seus / Fez cair sob seu bravo braço / os inimigos mais furiosos, com sangue, / Que ainda quis conquistar / Seus vizinhos, ou os levar à guerra, / Descobriu Amor, que a si pressionou, / Que armas e leis vencida ela deixou. / Nem mereceu sua real grandeza / ao menos ter uma menor desgraça desafortunada/ Que amar seu filho? [...])

Ao se portar como guerreira, invade o espaço tido como masculino do combate<sup>130</sup>. Nesse sentido, se a representante Semíramis fala sobre a força da mulher, ativa, apresenta-se também como aberração. Quer dizer, tal relação que em um primeiro momento percebemos como inversão da ordem social, em que proclamam-se como protagonistas e subestimam a figura masculina, vem sobrecarregada, nesse caso, das roupagens do masculino – guerreiro – e a “mulher” forte fica incompleta, ineficaz e amaldiçoada (castigada). Trabalha, portanto, com dois eixos a versão transgressora, tanto do papel tradicional imputado ao feminino, como a percepção de tal insurgência como consequente que leva a uma perda no *status* social. Em Pernette, presenciamos um outro pronunciamento que a recolhe à subalternidade como parte de uma ferramenta de sua negociação frustrada:

Otez, ôtez, mes souhaits, si haut point  
 D'avec ques vous : il ne m'appartient point.  
 Laissez l'aller les neuf Muses servir,  
 Sans se vouloir dessous moi asservir,  
 Sous moi, qui suis sans grâce, et sans mérite.  
 Laissez l'aller, qu'Apollo je n'irrite,  
 Le remplissant de Dêité profonde,  
 Pour contre moi susciter tout le Monde,  
 Lequel un jour par ses écrits s'attend  
 D'être avec moi et heureux, et content<sup>131</sup>.

A figura, que se pensa imponente, aparece contraposta à autora, que, então, humilha-se para então retirar-se. É também pela figura de Apollo que o masculino reaparece como irradiando poder, motivo do seu receio, minorando-se a autora, portanto. Dessa forma, a inquietação e sua reação parecem assemelham-se ao conhecimento que temos das leis consuetudinárias que vigoram quanto às práticas nas relações matrimoniais de então. E, assim, a figura masculina aparece como a dominante, e a espera, a passividade retornam, bem como um discurso da humildade, subalterno, ao feminino.

### Algumas considerações

As autoras vislumbraram alternativamente o mundo ao seu redor, através de experiências abstratamente contadas. Para pensarmos, em termos de resultados, isso implicou tanto em, pelo menos duas ressalvas metodológicas que se impõem à prática de as interpretar: a impossibilidade de tudo terem dito e a impossibilidade de tudo, nossa pesquisa, apreender; como, igualmente, por tratarem-se de material assumidamente idealizado, possibilitarem somente elucubrações que são conjecturas. Mas essa viagem sobre novas elaborações corroboram para a compreensão, ambicionada pela pesquisa, do universo das

---

<sup>130</sup> O fato de localizarmos a linguagem como fator que é capaz de promover significados, reverberar, é justamente também com ela pensarmos o peso sócio-histórico que é repassado como carga por inúmeras fontes de linguagem-cultura. Por isso entendemos que é possível pensarmos a questão do mundo patriarcal como masculino/masculinizante/ masculinizado visto que o sexo masculino nada mais é que mais um dado aleatório da natureza, como a cor dos olhos, por exemplo, mas encontrarmos-nos sobrecarregados de camadas culturais, sociais e políticas (que, em alguns casos, podemos chamar de disposições ou *habitus*) significa que as coisas não estão estáticas, porque imóveis, mas porque significadas profundamente como tais.

<sup>131</sup> Pernette du Guillet. *Rymes*. Lyon, 1545. p. 34 (Elégie II) (T.A.: Libertai, libertai, meus desejos, se digno/ questionar-vos não me é. /Deixe-o ir servir às nove musas, /Sem se querer sob mim escravizar / Por mim, que sou sem graça e sem mérito./ Deixe-o ir, que Apollo eu não irrite, /Cansando a divindade profundamente, / Para contra mim suscitar o mundo /Ao qual um dia por seus escritos esperará/ Estar comigo, feliz e contente).

agentes – se não é possível, através dessa proposta, e talvez de outras tantas<sup>132</sup>, dizer como era a realidade dessas renascentistas, fez-se, ao menos tangível, representar uma das facetas das suas interrogações. Aqui, através de hipóteses, transpareceu-nos uma possibilidade de contar algo de suas histórias.

A leitura que fizemos da poesia das renascentistas tendeu a ver nelas sinônimo mais de emancipação e até exaltação de si, enquanto mulher, que a disposição que relega o feminino, e as mulheres nele postuladas, ao baixo. Mesmo que esse ser mulher deva, muitas vezes, reelaborar-se ou apropriar-se do masculino para ser não só equivalente, mas superior. Entretanto, não é um lugar comum, nem fortemente racionalizado o que essas figuras dizem-nos. São escritas que se transformam ora num empoderamento, ora numa manutenção. E dessa forma, sugerem um lugar “contraditoriamente” e contrariamente ocupado - renegado, marginal, mas que luta para libertar-se.

Falar no amor, tratar dele, foi pensar a pluralidade das relações humanas e tornou possível, inclusive, constatar nisso o processo *genderificante* e suas sutis resistências. Ou seja, embora essas falas estejam a contar-nos sobre sentimentos, parecem tentar persuadir sobre outra coisa. Reinventam seus lugares e ao imaginarem isso como poder, o efetivam e enfrentam as relações. Dessa forma, a partir de tais fontes, convidamos não a refletir sobre a realidade de seu contexto, mas a arbitrariedade dele, com um olhar crítico lançado à mítica da mulher invisível, ou encubada nos ditames que tentam regulá-la. Essas regulações foram, muitas vezes, transgredidas, e a leitura das poesias mostra tal reflexo. Se não: por que foi tão importante para essas mulheres exaltarem seu poder sobre si, em detrimento da figura masculina, quando estão a falar de amor? Essa questão parece incutir algo a esse interstício social entre ser e realizar, evidenciando-se pela escolha de narrar através do estilo poético, que foi, muitas vezes, o preferido pelos “subversivos” para de um absurdo falar. Essa memória aguça-nos sobre o destoante, o contraditório, e, mais que isso, lembra-nos do perverso e da ambiguidade que foi ser / estar no feminino

### Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *La Dominacion Masculina*. RJ: Bertrand, 2002 Disponível na internet via: <http://www.4shared.com>.

BREGHOT DE LUT & PERICAUD. *Biographie lyonnaise catalogue des lyonnais dignes de mémoire*. Lyon, 1839.

DAVIS, Natalie Z. & FARGE, Arlette. *História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna*. Trad. Alda M. Durães, Egito Gonçalves, João Barrote, José S. Ribeiro, Maria C. Torres, Maria C. Moreira. Vol. 3. Edições Afrontamento: Porto, 1991.

DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamentos, 1998.

DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens*. Do amor e outros ensaios. SP: Companhia das Letras, 1989.

FERRARESI, Alicia. *De amor y poesia en la Espana medieval*. Colegio de Mexico: Mexico, 1976.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

---

<sup>132</sup> Afinal o próprio estatuto científico da história vem sendo motivo de reflexões.

HARDING, Sandra. Is There a Feminist Method? *Feminism and Methodology*. Bloomington/ Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

MACEDO, José R. A luva e o bastão: considerações a propósito da ideia de traição na Chanson de Roland. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 25, p. 89-110, 1999.

RÉGNIER-BOHLER , Danielle Régnier-Bohler.Exploração de uma Literatura. In: DUBY, Georges (org.). *História da vida privada, 2 : da Europa feudal à Renascença*. Tradução Maria Lúcia Machado — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

RIGOLOT, François. *Poésie et Renaissance*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil Para a Análise Histórica. *Educação & Realidade*, v.15, n.2, jul/dez, 1990. p. 1-35. P.20

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: A questão do Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.